

89

Dina Rodrigues Macias

# O intertexto camoniano na poesia de Manuel Alegre

SÉRIE *Estudos*

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

---

Título: O intertexto camoniano na poesia de Manuel Alegre

Autor: Dina Rodrigues Macias

Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2008

Apartado 1038 · 5301-854 Bragança · Portugal

Tel. 273 303 200 · Fax 273 325 405

<http://www.ipb.pt>

Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança

(grafismo: Atilano Suarez; paginação: Luís Ribeiro; montagem e

impressão: António Cruz; acabamento: Isaura Magalhães)

Tiragem: 200 exemplares

Depósito legal nº 271114/08

ISBN: 978-972-745-093-0

Accite para publicação em 2007

---

## Índice

---

Problemática da intertextualidade _____	11
Intertexto camoniano na poesia de Manuel Alegre _____	11
Raiz _____	13
Trova _____	14
Trova do Emigrante _____	14
Trova do Vento que Passa _____	15
Luís de Camões _____	17
Sobre um Mote de Camões _____	17
As Palavras _____	17
O Canto E As Armas _____	18
Aquela Triste e Leda Madrugada _____	19
E Alegre se fez Triste _____	20
Letra para um Hino _____	20
Regresso _____	22
Enquanto me enganava a esperança _____	22
Coisa Amar _____	23
Super Flumina _____	24

<b>Trova do mês de Abril</b>	<b>26</b>
<b>Foz do Arelho</b>	<b>26</b>
<b>Conclusão</b>	<b>29</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>31</b>

# O intertexto camoniano na poesia de Manuel Alegre

## Resumo

---

Este estudo resulta de uma leitura atenta da poesia de Camões e de Manuel Alegre e de uma tentativa de descoberta da sintonia temática existente entre ambos os poetas.

Fizemos a selecção de alguns poemas de Manuel Alegre, talvez os mais conhecidos, de modo a descobrir neles a célebre “metáfora do enxerto”, em que a reescrita acontece a partir de algo que já existiu anteriormente.

## Résumé

---

Cette étude est le résultat d’une lecture attentive de la poésie de Camões et de Manuel Alegre et de la tentative de découvrir la syntonie thématique existant chez les deux poètes.

Nous avons sélectionné quelques poèmes de Manuel Alegre, les plus connus peut-être, de manière à y découvrir la célèbre “métaphore de la greffe”, dans laquelle la réécriture se réalise à partir de quelque chose qui existait déjà antérieurement.

## Abstract

---

This study results from an attentive reading of the poetry by Camões and by Manuel Alegre and from a tentative research into the thematic attunement between both poets.

A selection of poems, perhaps the most well known, by Manuel Alegre was analysed so as to point out the famous metaphor of “enxerto”, in which writing emerges from some pre-existing literary form.

# Problemática da intertextualidade

---

## Intertexto camoniano na poesia de Manuel Alegre

*“L'évènement dans la vie du texte, son être authentique, a toujours lieu aux frontières de deux consciences de deux sujets”.*

*Esthétique de la création verbale, Mikhail Bakhtine (p.315)*

A problemática da intertextualidade é já um tema multissecular, focando a questão da escrita literária como a reescrita de outro texto, como uma reapropriação, como uma pilhagem, como afirma Jorge Luís Borges.

Sabemos que esta imitação, esta reescrita evoca, desde logo, uma reprodução, cuja intenção pode ser diversa. Ela pode ser motivada pela admiração, pelo entusiasmo, mas também pela ideia de arremedo, de pendor trocista e, portanto, de cariz negativo.

Mas esta imitação que referimos pode também ser motivada por um desejo de aprendizagem. E vejamos como, por exemplo, na fase Modernista da Literatura se manifestou esta consciência. Tal como no apólogo dos anões, muito difundido na Cultura Europeia, em que se defendia que estes conseguiam ter uma visão mais dilatada do mundo que os próprios gigantes, porque os viam às costas desses gigantes, também os modernos, apoiando-se nos antigos, podiam ter uma visão mais ampla em termos de conhecimento. Apoiando-se nos

modelos antigos, em cada nova época, os escritores e os poetas vão mais longe que os seus modelos.

Esta concepção de escrita poética e de escrita literária em geral, como reescrita, como memória textual, como um texto que se edifica sobre outro texto, leva-nos à relação dialógica textual, tal como a define Júlia Kristeva (1969: 146) fundamentando-se nos estudos de Bakhtine – “tout texte se construit comme mosaïque de citations, tout texte est absorption et transformation d’un autre texte. A la place de la notion d’intersubjectivité s’installe celle d’intertextualité, et le langage poétique se lit, au moins, comme double”.

Neste sentido, ao falar de intertextualidade poder-se-á afirmar que se trata de uma permuta de textos e que, num espaço de um texto, vários enunciados recolhidos em outros textos se cruzam e neutralizam.

A intertextualidade é uma marca fundamental de todo o texto poético e de todo o texto literário. Diremos, parafraseando Rifatterre, que a intertextualidade é a essência do texto poético, já que este é construído a partir do hipograma, isto é, de um texto fantasma, de um texto palimpséstico.

Para Aguiar e Silva (1991:627) este conceito de hipograma representa “a matriz a partir da qual se desenvolve por ‘conversão’ e por ‘expansão’ o poema, cujo texto está portanto ‘sobredeterminado’ pelo hipograma” e o texto palimpséstico. “É um texto absorvido e apagado por outro texto para uma camada textual anterior que interfere na estratificação de outro texto e que aflora, sob forma latente ou sob forma explícita, na estrutura de superfície desse outro texto”.

Esta noção de intertextualidade busca, efectivamente, um saber cultural passado, visando a reconstrução de um outro texto, como que de uma co-habitação de linguagem se tratasse, construindo um universo relacional, um universo de alianças e conexões, favorecendo a livre circulação entre as obras.

Assim este conceito inscreve-se no plano teórico da semiótica, aquilo a que Mikhail Bakhtine chamou translinguística e cujo objecto de estudo é a enunciação, ou seja, a interacção verbal, como refere Todorov no prefácio que faz à sua obra: “Après avoir critiqué la linguistique structurale et la poétique formaliste, qui réduisent le langage à un code, et oublient que le discours est avant tout un pont jeté entre deux personnes, elles mêmes socialement déterminées, Bakhtine formule des propositions positives pour cette étude de l’interaction verbale dans la dernière partie de son Dostoievski et dans le long essai sur le discours dans le roman”. (1984 : 18)

Tais estudos de intertextualidade incidem sobre o funcionamento dos textos, procuram saber como é que eles transitam de um para outro, como é que um texto tem relações de interacção com um

texto anterior, o subtexto, considerando fundamental a memória do sistema literário, já que toda a semiótica pressupõe a existência de uma memória genética em termos de produção textual.

Para Bakhtine (1984:148) “le dialogue peut être monologique, et ce qu’on appelle monologue est souvent dialogique”, já que todo o texto verbal mantém relações dialógicas com outros textos.

Aguiar e Silva (1991:625), também, a este propósito, refere que “O texto é sempre, sobre modalidades várias, um intercâmbio discursivo, uma tessitura polifónica na qual confluem, se entrecruzam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências”.

Um poema nasce, muitas vezes, da leitura de outro poema anterior, com o qual o autor terá entrado em sintonia.

É exactamente este o tema que nos propomos abordar.

Deter-nos-emos sobretudo no “**INTERTEXTO CAMONIANO NA POESIA DE MANUEL ALEGRE**”

É o falar camoniano que vamos encontrar na poesia de Manuel Alegre, que pretendeu fazer uma recuperação de valores literários do passado, uma recuperação dos textos palimpsésticos, que ao longo do tempo se foram apagando.

É óbvio que estamos perante uma motivação positiva face a uma reescrita de alguns dos belos textos camonianos na órbita do *pastiche*, através de magníficos *enxertos* que perpetuarão a obra de Camões nesta renovação poética de Manuel Alegre.

A poesia de Manuel Alegre representa “*matrizes hipogramáticas*” de textos da poesia medieval e da *Odisseia*, mas o mais importante intertexto português no “poeta-trovador” é, sem dúvida, a poesia épica e lírica de Luís de Camões.

A sua poesia revela-se assim como uma actualização, para cantar o *presente* e o *futuro*, de intertextos do *passado*. Ele próprio define assim a sua poesia no texto “*RAIZ*”, onde o poeta pretende re-encontrar a autenticidade original do seu país nas origens do tempo (um tempo histórico e um tempo literário):

### **RAIZ**

Canto a raiz do espaço na raiz  
do tempo. E os passos por andar nos passos  
caminhados. Começa o canto onde começo  
caminho onde caminhas passo a passo.  
E braço a braço meço o espaço dos teus braços:  
oitenta e nove mil quilómetros quadrados.  
E um país por achar neste país.

In *O Canto e as Armas*, p.144

Através desta atitude intertextual, Manuel Alegre articula na sua poesia a voz *lirica* das cantigas de amigo e a tonalidade épica de Camões, como podemos constatar no poema:

### TROVA

Em trovador me tornei.  
Se a voz do povo me chama  
eu com ela cantarei.  
Em trovador me tornei  
ao dobrar a Taprobana  
destes caminhos que andei.

Do sangue se faz a trova  
da vida que se renova  
por mil mortes renascida.  
Do sangue se faz a trova  
trova que é gosto da vida  
que junto à morte se prova.

Deixei a paz destes rios  
com meu povo eu embarquei  
e fui à guerra e voltei  
à triste paz destes rios.  
De minha pátria não sei  
(perdeu-se em velhos navios)  
(...)

In *A Praça da Canção*, p.84

Ao lirismo com sentido futurante e de epopeia, o lirismo e a epopeia de um futuro verdadeiro, como em

### TROVA DO EMIGRANTE

Parte de noite e não olha  
os campos que vai deixar.  
Todo por dentro a abanar  
como a terra em Agadir  
folha a folha se desfolha  
seu coração ao partir.

Não tem sede de aventura  
nem quis a terra distante.  
A vida o fez viajante.  
se busca terras de França  
é que a sorte lhe foi dura  
e um homem também se cansa.

Não julguem que vai contente.  
 Leva nos olhos o verde  
 dos campos onde se perde  
 gente que tudo lhes deu.  
 Parte mas fica presente  
 em tudo o que não colheu.  
 (...)

In *A Praça da Canção*, p.86

São nítidos, neste poema, os ecos da voz de Camões em “Os Lusíadas”:

Já a vista, pouco a pouco, se desterra  
 Daqueles pátrios montes, que ficavam;  
 Ficava o caro Tejo e a fresca serra  
 de Sintra, e nela os olhos se alongavam.  
 Ficava-nos também na amada terra  
 O coração, que mágoas lá deixavam.  
 E já depois que toda se escondeu,  
 Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

In *Os Lusíadas*, Canto V, Estrofe III

Também aquele lirismo que se insere numa longa e viva tradição na história da poesia portuguesa, que é a da voz lírica do amante que, separado da amada, pergunta notícias ao vento, às nuvens, enfim aos elementos e seres da natureza e que vem já das Cantigas de Amigo, passando por Camões, por exemplo na célebre Canção *JUNTO DE UM SECO, FERO E ESTÉRIL MONTE* quando diz:

“Assi vivo, e se alguém te perguntasse,  
 Canção, como não mouro,  
 Podes-lhe responder que porque mouro.”

se vai repercutir e é sensível nos versos de Manuel Alegre na

#### TROVA DO VENTO QUE PASSA

Pergunto ao vento que passa  
 notícias do meu país  
 e o vento cala a desgraça  
 o vento nada me diz;

Pergunto aos rios que levam  
 tanto sonho à flor das águas  
 e os rios não me sossegam  
 levam sonhos deixam mágoas.

Se o verde trevo desfolhas  
 pede notícias e diz  
 ao trevo de quatro folhas  
 que eu morro por meu país  
 (...)  
 Vi navios a partir  
 (minha pátria à flor das águas)  
 vi minha pátria florir  
 (verdes folhas verdes mágoas).

E o vento não me diz nada  
 só o silêncio persiste.  
 Vi minha pátria parada  
 à beira dum rio triste.

Ninguém diz nada de novo  
 se notícias vou pedindo  
 nas mãos vazias do povo  
 vi minha pátria florindo.

E a noite cresce por dentro  
 dos homens do meu país.  
 Peço notícias ao vento  
 e o vento nada me diz.

Mesmo na noite mais triste  
 em tempo de servidão  
 há sempre alguém que resiste  
 há sempre alguém que diz não.

In *Praça da Canção*, p.90

Uma leitura atenta da poesia de Manuel Alegre leva-nos à conclusão óbvia de que ele pretendeu, sempre, homenagear poeticamente Camões, com quem se identifica profundamente.

Tal como Camões, também Manuel Alegre foi poeta exilado longe da pátria e, como ele, “*traz numa mão a espada e noutra a pena*” como podemos constatar na obra *O CANTO E AS ARMAS*, não apenas por este título carregado de intencionalidade intertextual, mas também pela estrutura de toda a obra. Dividida em cantos como *OS LUSÍADAS*, citando-os ao longo de toda a obra, o que claramente nos mostra uma busca de identidade lusíada e uma defesa incondicional da língua portuguesa de que Camões é, sem dúvida, o arauto.

Vejamos o que Manuel Alegre escreve no poema a que deu o título

**LUÍS DE CAMÕES**

Tinha uma flauta.  
 Não tinha mais nada mas tinha uma flauta  
 tinha um órgão no sangue uma fonte de música  
 tinha uma flauta (...)

E quando tudo se perdeu  
 Ficou a arma do que não tinha armas;  
 Tinha uma flauta.

Ficou uma flauta que cantava  
 E era uma Pátria.

In *Praça da Canção*, p.30

Mas esta recuperação intertextual aparece em outros poemas da *PRAÇA DA CANÇÃO* e surge-nos, inclusivamente, um poema intitulado

**SOBRE UM MOTE DE CAMÕES**

Se me desta terra for  
 eu vos levarei amor.  
 Nem amor deixo na terra  
 quando deixando levarei.

Deixo a dor que te deixar  
 na terra onde amor não vive  
 na que levar levarei  
 amor onde só dor tive.  
 (...)

In *Praça da Canção*, p.75

Mas uma verdadeira imitação, através deste procedimento intertextual, requer uma identificação profunda com os valores invariáveis do poeta-modelo e também com os “*matizes*”, parafraseando Linda Hutcheon (1985), da língua em que ele se exprimiu. E se Camões representa a língua portuguesa, como já referimos, Manuel Alegre quis, mais uma vez, homenagear esse poeta real que foi “não português mas Portugal”, como disse Fernando Pessoa.

Essa homenagem surge, agora, no soneto

**AS PALAVRAS**

Palavras tantas vezes perseguidas  
 palavras tantas vezes violadas  
 que não sabem cantar ajoelhadas  
 que não se rendem mesmo se feridas

Palavras tantas vezes proibidas  
e no entanto as únicas espadas  
que ferem sempre mesmo que quebradas  
vencedoras ainda que vencidas.

Palavras por quem já fui cativo  
na língua de Camões vos querem escravas  
palavras com que canto e onde estou vivo.

Mas se tudo nos levam isto nos resta:  
estamos de pé dentro de vós palavras  
nem outra glória há maior do que esta.

In *O Canto e as Armas*, p.222

A emergência do intertexto camoniano sente-se também no poema introdutório de *O CANTO E AS ARMAS* que tem este mesmo título e onde são claras as ressonâncias da abertura de *OS LUSÍADAS*

#### **De Camões:**

As armas e os barões assinalados  
que da Ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca dantes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana  
E em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram.  
(...)

In "*Os Lusíadas*"

#### **De Alegre:**

#### **O CANTO E AS ARMAS**

Canto as armas e os homens  
as pedras os metais  
e as mãos que transformando  
se transformam. Eu canto  
o remo e a foice. Os símbolos.  
Meu sangue é uma guitarra  
tangida pelo Tempo.

Canto as armas e as mãos.  
E as palavras que foram  
areias tempestades  
minutos. E o amor.

E também a memória  
do cravo e da canela.  
E também a quentura  
de outras mãos: terra e astros.  
E também a tristeza  
e a festa. O sangue e as lágrimas.  
(...)

In *O Canto e as Armas*, p.137

Notemos nos dois poemas que ambos os poetas exaltam a força humana, o valor do Homem, a nova dimensão do Homem.

“Através de toda a evolução da poesia, a Natureza andou mais ou menos associada à vida amorosa já como fundo e moldura do quadro lírico, já como projecção do *eu*, em seus momentos de desbordamento emocional, que a ela deu atributos de pessoa e simpatia de confidente.” (Hernâni Cidade 1936:225)

Em muitos versos de Camões” a Natureza ou é, em face do Poeta, a invocada que não lhe responde, ou o espelho, sobre que ele reflecte melancolias e contentamentos da sua vida. Ela, porém, pode ser-lhe testemunha enternecida...” (Hernâni Cidade 1936:229) E é exactamente esta testemunha que vamos encontrar no soneto:

#### AQUELA TRISTE E LEDA MADRUGADA

Aquela triste e leda madrugada,  
cheia toda de mágoa e piedade,  
enquanto houver no mundo saudade  
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada  
saía, dando ao mundo claridade,  
viu apartar-se uma outra vontade,  
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,  
que de uns e de outros olhos derivadas,  
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela ouviu as palavras magoadas  
que puderam tornar o fogo frio  
e dar descanso às almas condenadas.

In *Lírica*, p. 173

Também como Camões, Manuel Alegre invoca, na sua poesia, a Natureza que reflecte melancolias, contentamentos ou até a testemunha enternecida, como, por exemplo, no soneto:

### **E ALEGRE SE FEZ TRISTE**

Aquela clara madrugada que  
viu lágrimas correrem no seu rosto  
e alegre se fez triste como se  
chovesse de repente em pleno Agosto.

Ela só viu meus dedos nos teus dedos  
meu nome no teu nome. E demorados  
viu nossos olhos juntos nos segredos  
que em silêncio dissemos separados.

A clara madrugada em que parti.  
Só ela viu teu rosto olhando a estrada  
por onde um automóvel se afastava.

E viu que a pátria estava toda em ti.  
E ouviu dizer-me adeus: esta palavra  
que fez tão triste a clara madrugada.

In *O Canto e as Armas*, p.173

E é óbvio o ressurgimento da temática já abordada por  
Camões em *AQUELA TRISTE E LEDA MADRUGADA*.

Atentemos em outro poema de Manuel Alegre *LETRA PARA UM  
HINO* e vejamos como, mais uma vez, emerge nele a voz camoniana  
daquela magnífica redondilha *BABEL E SIÃO*.

O essencial deste poema consiste exactamente numa acção  
contraposta à passividade, numa recuperação da liberdade perdida e  
a que o poeta-trovador foi sensível, aproveitando dois versos para  
introdução do seu poema:

### **LETRA PARA UM HINO**

“Porque mudando-se a vida  
se mudam os gestos dela”

CAMÕES, *Babel e Sião*

É possível falar sem um nó na garganta  
é possível amar sem que venham proibir  
é possível correr sem que seja fugir.  
Se tens vontade de cantar não tenhas medo: canta.

É possível andar sem olhar para o chão  
é possível viver sem que seja de rastos.  
Os teus olhos nasceram para olhar os astros  
se te apetece dizer não grita comigo: não.

É possível viver de outro modo. É  
 possível transformares em arma a tua mão.  
 É possível o amor. É possível o pão.  
 É possível viver de pé.

Não te deixes murchar. Não deixes que te domem.  
 É possível viver sem fingir que se vive.  
 É possível ser homem.  
 É possível ser livre livre livre.

In *O Canto e as Armas*, p.231

Mas é efectivamente no título *O CANTO E AS ARMAS* que Alegre pretende fazer ressurgir a condição Lusíada. Como Camões, Manuel Alegre foi, como já referimos, um poeta exilado longe da pátria e também ele trazia “*numa mão a espada e noutra a pena*”, como nos sugere a bipartição do título desta obra, que reenvia para o duplo sentido do empenhamento: pela acção e pela escrita.

E lembremos ainda algumas quadras do poema *LUSÍADA EXILADO* onde no meio das diferenças que individualizam os dois poetas, a sugestão camoniana é sensível, desde logo pelo título escolhido e depois pelas referências contínuas a Camões, à Língua Portuguesa, ao lusíada, àquilo que há de imemorial na Literatura Portuguesa:

(...)  
 Trago no rosto a marca do chicote.  
 Cicatrizes as minhas condecorações.  
 Nas minhas mãos é que é verdade D. Quixote  
 trago na boca um verso de Camões. (...)

Eu que fiz Portugal e que o perdi  
 em cada ponto onde plantei o meu sinal.  
 Eu que fui descobrir e nunca descobri  
 que o porto por achar ficava em Portugal. (...)

Lusíada exilado. (E em Portugal muralhas).  
 Se eu agora morresse sabia porquê.  
 Venham tormentas e punhais. Quero batalhas.  
 Eu que sou Portugal quero viver de pé.

In *Praça da Canção*, p. 195

Também com o poema *REGRESSO* Manuel Alegre teve o propósito de homenagear Camões quer através da glosa de uma sua quadra:

Que do tempo tendes vencido as leis,  
que tudo enfim vençais ao tempo armado,  
mais é vencer na Pátria, desarmado,  
os monstros e as quimeras que venceis.

In *Lírica*, p. 178

quer através do discurso valorativo e do enaltecimento daqueles que  
“*por obras valorosas se vão da lei da Morte libertando*”:

### REGRESSO

E contudo perdendo-te encontraste.  
E nem deuses nem monstros nem tiranos  
te puderam deter. A mim os oceanos.  
E foste. E aproximaste.

Antes de ti o mar era mistério.  
Tu mostraste que o mar era só mar.  
Maior do que qualquer império  
foi a aventura de partir e de chegar.

Mas já no mar quem fomos é estrangeiro  
e já em Portugal estrangeiros somos.  
Se em cada um de nós há ainda um marinheiro  
vamos achar em Portugal quem nunca fomos.

De Calicute até Lisboa sobre o sal  
e o Tempo. Porque é tempo de voltar  
e de voltando achar em Portugal  
esse país que se perdeu de mar em mar.

In *A Praça da Canção*, p. 163

A referência ao mar é também muito importante neste domínio intertextual, já que se trata de um tema bem ao gosto do poeta épico que cantou “*longamente as perigosas coisas do mar*”.

E é exactamente em *COISA AMAR (coisas do mar)* que Manuel Alegre toma, mais uma vez, Camões por modelo, pela glosa do último verso do soneto:

### ENQUANTO ME ENGANAVA A ESPERANÇA

Enquanto me enganava a esperança;  
O coração, com esta confiança,  
Todo se desfazia em desejar  
Oh! Vão, caduco e débil esperar!

Como se desengana ua mudança!  
 Que, quando é mor a bem aventuraça,  
 Tanto menos se crê que há-de durar.  
 Quem já se viu contente e prosperado,

Vendo-se em breve tempo em pena tanta,  
 Razão tem de viver bem magoado;  
 Porém, quem tem o mundo experimentado,

Não o magoa a pena nem o espanta,  
 Que mal se estranhará o costumado.  
 Foi já num doce tempo cousa amar.

In *Lírica*, p. 187

“O amor é uma das constantes desta escrita de afectos, instantes eternos, desejos, buscas – ora como declaração platónica a um círculo de imagens divinas, ora como dimensão prática da harmonia e do mundo.

A mulher, em *COISA AMAR (coisas do mar)* pode ser tudo: a deusa quotidiana coroada pelas flores da fertilidade, ou então a sempre magnífica e sublimada divindade de toda a liturgia e de toda a plenitude. Muitas são porém as formas de conjugar, na obra de Alegre, esse verbo do absoluto, da celebração e das paixões. É também o verbo da experiência. Do próprio e dos outros poetas por ele glosados: Petrarca, Camões, D. Dinis, a palavra — talvez mesmo a literatura”, como refere João de Melo (1989:19)

E esta experiência colhida em Camões, juntamente com a fusão da voz lírica e da voz épica de Quinhentos, originou o belo soneto:

### COISA AMAR

Contar-te longamente as perigosas  
 coisas do mar. Contar-te o amor ardente  
 e as ilhas que só há no verbo amar.  
 Contar-te longamente longamente.

Amor ardente. Amor ardente. E mar.  
 Contar-te longamente as misteriosas  
 maravilhas do verbo navegar.  
 E mar. Amar: as coisas perigosas.

Contar-te longamente que já foi  
 num tempo doce coisa amar. E mar.  
 Contar-te longamente como dói

desembarcar nas ilhas misteriosas.  
Contar-te o mar ardente e o verbo amar.  
E longamente as coisas perigosas.

In *Coisa Amar*, p.23

Foi em *SETE ANOS DE PASTOR* que Manuel Alegre recuperou um outro tema de Camões, onde o poeta se assume como herói, falando na 1.<sup>a</sup> pessoa, mas sendo simultaneamente o poeta-VOZ de uma colectividade – o povo português, num querer construir um destino colectivo, como podemos perceber em alguns temas da *PRAÇA DA CANÇÃO*:

Já com meu povo algumas vezes naufraguei.  
Fernão de Magalhães fui dar a volta ao mundo  
mil caminhos busquei fui nauta vagabundo  
e dei a volta ao mundo, só meu país não achei.

In *Praça da Canção*, p. 44

Ou ainda:

Na minha bicicleta de recados  
eu vou pelos caminhos.  
Pedalo nas palavras atravesso as cidades  
bato às portas das casas e vêm homens espantados  
ouvir o meu recado ouvir minha canção.

In *Praça da Canção*, p. 46

Guardando alguns dos traços poéticos mais marcantes da produção lírica de Camões, vejamos como Manuel Alegre glosa simultaneamente as duas canções camonianas: *JUNTO DE UM SECO, FERRO E ESTÉRIL MONTE* e *BABEL E SIÃO*

### **SUPER FLUMINA**

Eu estava perdido em Babilónia  
Inutilmente corriam rios  
a água do canto secava  
junto ao estéril monte  
da minha vida perdida  
em Babilónia

Então cresceram trigos (eu devia dizer:  
os teus cabelos). Floriram sobre os muros  
da Babilónia.  
Os teus cabelos.

Porque tudo era seco.  
E tu varreste com a tua chuva  
os gafanhotos que juncavam  
as ruas tristes  
de Babilónia.

Trouxeste o vinho e o mel  
Puseste flores dentro das horas.  
E dentro de mim os rios  
onde eu cantava  
em Sião.

In *Coisa Amar*, p.340

Tal como Camões, Alegre apenas pretende situar-se e fortemente vincar um estado de alma e implicitamente evocar a Natureza europeia, mais do que constatar as realidades que a Natureza africana oferecia.

Outros exemplos de manifestações intertextuais se poderiam apontar na poesia de Manuel Alegre. Contudo, parecem-nos já suficientes as ressonâncias camonianas que apresentámos, para mostrar que este fenómeno intertextual traduz uma vontade e um querer do “Lusíada exilado” que constantemente procura o seu enraizamento:

“É preciso voltar a ter uma raiz  
um chão para lavrar  
um chão para florir”.

A noção melódica que atravessa toda a sua poesia vem-lhe, de facto, dos nossos trovadores medievais e de Camões.

“Perpassam a sua poesia referências históricas e culturais, subtilezas de repetição e práticas de intertextualidade que se combinam na criação de uma mitologia literária muito própria. O difícil é mesmo referir o acervo desses elementos, tão vastos e tão diversos eles são”. (João de Melo, 1989:21)

A sua obra vive das ideias que expressa, escrita sob os impulsos da vida, decorrendo dos ciclos, dramas e vicissitudes das várias décadas de opressão vividas em Portugal. Ocupa um espaço de denúncia colectiva, já que em Manuel Alegre, a noção de pátria cobre os domínios da nação cultural, o país da integridade e a consciência do povo.

É em *ATLÂNTICO*, uma colectânea de poemas publicada em 1981, que o poeta faz uma meditação histórica dos vários desastres que nos atingiram e nos privaram da liberdade, reconquistada no dia 25 de ABRIL de 1974. E também desse Abril o poeta-trovador fala em

### TROVA DO MÊS DE ABRIL

Foram dias foram anos a esperar por um só dia.  
Alegrias. Desenganos. Foi o tempo que doía  
com seus riscos e seus danos. Foi a noite e foi o dia  
na esperança de um só dia.

Foram batalhas perdidas. Foram derrotas vitórias.  
Foi a vida (foram vidas). Foi a História (foram histórias)  
mil encontros despedidas. Foram vidas (foi a vida)  
por um só dia vivida.

Foi o tempo que passava como se nunca passasse.  
E uma flauta que cantava como se nunca rasgasse  
toda a vida e uma palavra: liberdade que vivia  
na esperança de um só dia.

Musa minha vem dizer o que nunca então se disse  
esse morrer de viver por um dia em que se visse  
um só dia e então morrer. Musa minha que tecias  
um só dia dos teus dias.  
(...)

In *Atlântico*, p.93

E a sua poesia onde “esplendem múltiplos horizontes de reflexão e de meditação” conforme refere o Professor Vítor Aguiar e Silva no prefácio a *SENHORA DAS TEMPESTADES* continua para além de ABRIL.

É exactamente nos poemas do *LIVRO DO PESCADOR* que constatamos uma reflexão e uma meditação admiráveis sobre a busca, a intérmina busca, do sentido que o homem, o mundo e a vida possam ter, como podemos confirmar no poema a que deu o título *FOZ DO ARELHO* ou *PRIMEIRO POEMA DO PESCADOR*:

### FOZ DO ARELHO

Este é apenas um pequeno lugar do mundo  
um pequeno lugar onde à noite cintilam luzes  
são os barcos que deitam as redes junto à costa  
ou talvez os pescadores de robalos com suas lanternas  
suas pontas de cigarro e suas amostras fluorescentes  
talvez o Farol de Peniche com seu código de sinais  
ou a estrela cadente que deixa um rasto  
e nada mais.  
(...)

Um pequeno lugar onde se pode ouvir a música  
o vento o mar as conjunções astrais  
um pequeno lugar do mundo onde à noite se sabe  
que tudo é como as luzes que cintilam  
um breve instante  
e nada mais.

In *Senhora das Tempestades*, p.41

## Conclusão

---

Manuel Alegre é, sem dúvida, “Poeta de partida, espírito de errância e de um infinito peregrinar interior e em volta, a sua obra traduz-se em viagem, roteiro, visitação, memória, espanto e retorno aos mitos patrióticos” (João de Melo, 1989:22)

Para Alegre “o g nio de Camões é o símbolo da virtude universal e verdadeiro alter-ego do ideal patriótico, tangido pela sua flauta” (João de Melo, 1989:22)

“Assim nos damos conta de que o texto literário se insere numa tradi o literária que o autor aceita ou contesta; de que o texto literário existe num espaço intertextual, é um palimpsesto e   também verdade que a grandeza de um poeta ou de um artista se pode, às vezes, “medir” pela quantidade de glosas que contemporâneos ou vindouros fazem das suas obras” (Clara Rocha, 1983:55). E aqui Camões é marcante. Além de Manuel Alegre, muitos outros poetas retomaram intertextualmente os seus enunciados poéticos: Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena, Ant nio Gede o, Alexandre O’Neill, Sophia de Mello Breyner, entre outros.

“  a ressonância da linguagem camoniana, a harmonia da dic o que seduz e faz nascer o desejo de o citar ou recriar literariamente” (Clara Rocha, 1983:55)

“Entendida nesta linha de influências e modelos, a poesia de Manuel Alegre faz ressurgir a voz de Camões, numa espécie de canto geral da condição lusíada. Épica naquilo que tem de exaltar, lírica na voz sofrida daquele que busca e não encontra o sentido dessa condição; eis uma poesia que pesquisa a raiz, a pedra ancestral do ser, a origem da grandeza ética”. (João de Melo, 1989:23).

Acreditando na força da palavra e do poema como vectores de luta, Manuel Alegre vai buscar aos clássicos da Literatura portuguesa toda uma herança cultural que põe ao serviço do seu povo!...

## Bibliografia

---

- ALEGRE, Manuel (1981) *Atlântico*, Moraes Editores, Lisboa.
- ALEGRE, Manuel (1975) *A Praça da Canção*, Centelha, Coimbra.
- ALEGRE, Manuel (1976) *Cousa Amar (Coisas do Mar)*, Perspectivas & Realidades, Lisboa.
- ALEGRE, Manuel (1989) *Edição Integral de Poesia*, prefaciada por João de Melo, Publicações D. Quixote, Lisboa.
- ALEGRE, Manuel (1970) *O Canto e as Armas*, Centelha, Coimbra.
- ALEGRE, Manuel (1998) *Senhora das Tempestades*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- BAKHTINE, Mikhail (1984) *Esthétique de la création verbal*, Éditions Gallimard, Paris.
- BAKHTINE, Mikhail (1977) *Le marxisme et la philosophie du langage*, Éditions de Minuit, Paris.
- CAMÕES, Luís de (1981) *Obras completas – Lírica*, Círculo de Leitores, Lisboa.
- CAMÕES, Luís de (s/d) *Os Lusíadas*, Porto Editora, Porto.

- CIDADE, Hernâni (1936) *Luís de Camões – O Lírico*, Livraria Bertrand, Amadora.
- DALLENBACH, Lucien (1979) “Intertexto e autotexto”, in *Intertextualidades, Poétique n.º 27*, Livraria Almedina, Coimbra, 51-76.
- EIGELDINGER, Marc (1987) *Mitohologie et Intertextualité*, Editions Slatkine, Genève, 9-20.
- ERETESCU, Sanda Golopentia (1969) “Gramaire de la Parodie”, in *Cahiers de linguistique théorique appliquée*, n.º 6.
- HUTCHEON, Linda (1985) *Uma Teoria da Paródia*, Edições 70, Arte e Comunicação, Lisboa.
- JENNY, Laurent (1979) “A estratégia da forma”, in *Intertextualidades, Poétique n.º 27*, Livraria Almedina, Coimbra, 5-49.
- KRISTEVA, Júlia (1969) *Recherches pour une sémanalyse*, Éditions du Seuil, Paris, 143-183.
- ROCHA, Clara Crabbée (1983) *A Poesia Lírica de Camões, uma estética da sedução*, Centelha, Coimbra.
- SARAIVA, António José (1980) *Luís de Camões – Estudo e Antologia*, Livraria Bertrand, Amadora.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1991) *Teoria da Literatura*, 7.ª Edição, Livraria Almedina, Coimbra.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e (1990) *Teoria e Metodologia Literárias*, n.º 27, Universidade Aberta, Lisboa.